



Materiais em Arte: pesquisa e produção de bastões como giz de cera, giz pastel e carvão vegetal

Aline Couto Duque¹ – UnB

Therese Hofmann Gatti Rodrigues da Costa² – UnB

Materiais artísticos possuem um preço elevado e não são de fácil acesso para toda a população, inclusive nas instituições públicas de ensino, nas quais muitas vezes faltam objetos básicos (Duarte, 2012). Dessa forma, Thérèse Hofmann, Rosana de Castro e Daniela Oliveira escreveram o livro “Materiais em Artes - Manual para a manufatura e prática” (2007, UnB) que pensava nesse contexto das escolas brasileiras e a produção artística. Sendo assim, a pesquisa surgiu a partir da revisão do livro, conferindo receitas e propondo novas alternativas, em especial para a produção de bastões. No presente relato não fizemos aplicação com estudantes do ensino básico. A proposta da pesquisa é verificar as condições de produção para o ensino a docentes da educação. E nós, enquanto docentes em formação, nos dispomos a experienciar o processo de produção dos materiais e sua aplicabilidade na educação básica.

Sendo assim, o projeto constituiu na elaboração de bastões de giz de cera, giz pastel oleoso e giz pastel seco, adaptando as receitas do livro e testando novas possibilidades, além da produção de carvão vegetal da forma tradicional, porém adaptada ao ambiente de pesquisa.

Os bastões de carvão vegetal são instrumentos utilizados, em grande parte da história da arte, para a produção de esboços e estudos, além de ser caracterizado por ser poroso, escuro e pela dificuldade de fixação no suporte. O giz pastel é um material artístico de bastante destaque por conta da pureza de seus tons e permanência das cores, utilizado como material de pintura (pastel oleoso) e de desenho (pastel seco).

¹ Graduanda em licenciatura em Artes Visuais na Universidade de Brasília e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). *E-mail:* aline.cd23@gmail.com.

² Professora doutora docente do Departamento de Artes no Instituto de Arte da Universidade de Brasília. *E-mail:* therese@unb.br.



Ademais, o giz de cera é um material muitas vezes introduzido ao imaginário ainda na infância, principalmente por ser um material de baixo custo, de fácil acesso e, em sua maioria, atóxico, logo é um material presente em grande parte da educação básica dos brasileiros e por muito tempo não foi considerado material de cunho artístico por conta do tipo de pigmentos, textura e por ser considerado pouco versátil.

Os bastões de cera comuns e baratos e os gizes como os utilizados nas escolas contêm o mais inferior dos pigmentos. Os bastões de cera são feitos com parafina e, além de sua permanência duvidosa, se adaptam a muito poucas técnicas artísticas devido ao caráter gorduroso e turvo de suas cores. Produzem nas superfícies uma textura que não está de acordo com nossas ideias tradicionais de um trabalho profissional, que, em geral, é resultado do hábil manejo de um medium que oferece alguma resistência ou desafio para o artista. (MAYER, Ralph, 2015, p. 385).

A pesquisa iniciou-se a partir da revisão de receitas do livro “Materiais em Artes - Manual para a manufatura e prática”. Em primeiro plano foi realizado um estudo acerca dos materiais disponíveis no Laboratório Experimental de Materiais Expressivos (LEME) na Universidade de Brasília (UnB). O fluxo de trabalho foi a produção de: carvão, pastel seco, pastel oleoso, giz de cera. Em seguida, iniciaram-se os testes com corantes naturais, pesquisa à parte do livro, seguindo a ordem de produção de bastões com corante em pó. Todas as etapas serão desenvolvidas a seguir:

Para a produção do carvão vegetal é necessário primeiro preparar o material: foram coletados gravetos secos, longos e uniformes. Para a produção da fornalha, realizou-se, com o auxílio de um prego, furos por toda a lateral de uma lata de ferro/zinco com tampa (mesmo material) e alça de arame. Em seguida, retirou-se a casca dos gravetos (com cuidado com os nós), depois cortou-os em pedaços iguais e ordenou-os dentro da fornalha, tampando-a sem pressionar e cozinhando no fogo (em uma grelha) por aproximadamente 30 minutos. Em seguida, observou-se os dois momentos em que sai fumaça da lata: 1. saída da umidade e 2. finalização, momento de retirada do fogo.



A produção do giz pastel foi dividida em duas partes: 1. Giz Pastel Seco e 2. Giz Pastel Oleoso, e em ambas é necessário preparar a diluição de carboximetilcelulose (CMC), o aglutinante, em água (na receita original são 19 g de CMC para 1 L de água, porém nas pesquisas utilizou-se 9 g de CMC para 500 mL de água). A organização das receitas apresenta-se nessa ordem:

Em uma superfície plana, adiciona-se, pausadamente, 30 g de pigmento a base de óxido de ferro à 15 mL da solução de CMC diluído em água. Com o auxílio de uma espátula, realiza-se a mistura dos ingredientes até consistir em uma massa uniforme. Em seguida, utilizando um molde, modela-se o material, dividindo, com o auxílio de uma balança, em tamanhos e pesos uniformes.

Para a produção do giz pastel oleoso, mantém-se o mesmo processo, porém, adiciona-se 0,5 g de vaselina sólida à receita

Para produzir giz de cera é necessário derreter em uma panela, no fogo, 25 g de cera de abelha, 5 g de parafina e 5 g de cera de carnaúba, em seguida adicionar 20 g de pigmento a base de óxido de ferro e colocar nos moldes, ainda quente. Para testar o pigmento, recomenda-se despejar um pouco do conteúdo da panela em um recipiente com água fria e depois riscar em uma superfície.

Após seguir todas as receitas, realizando apenas modificações em relação à proporção e quantidades, iniciou-se o estudo em busca de pigmentos de cunho natural, atóxicos, pensando principalmente no público infantil que poderia ter acesso a esses materiais artísticos na escola. Dessa forma, foram selecionados seis tipos de corantes em pó: açafrão, beterraba, canela, colorau, páprica e uva, todos adquiridos em lojas de produtos naturais.

Foi necessário dobrar a quantidade de CMC na produção dos gizes pastéis (utilizou-se 30 mL) e manteve-se a proporção de pigmento na produção dos bastões, 20 g para o giz de cera e 30 g para os bastões de pastel (seco e oleoso).

A partir das produções realizadas, observou-se um resultado satisfatório de acordo com o esperado em relação aos bastões de carvão vegetal, um pigmento bem escuro e que facilmente se desmancha ao entrar em contato com o suporte.



Os resultados da produção de giz pastel seco e oleoso foram equivalentes, ambos satisfatórios quando realizados de acordo com a proposta do livro. Porém, em relação aos pigmentos naturais, foram necessárias adaptações das receitas (adição do dobro de CMC) na tentativa de achar o ponto de moldagem dos bastões. Apesar das tentativas, todos os bastões de pastel (seco e oleoso) geraram resultados insatisfatórios quando o pigmento utilizado foi corante em pó, ficando muito quebradiços, fora do ponto de moldagem e pouco pigmentados.

Seguindo a receita proposta para a produção de giz de cera, foi alcançado o resultado de ótimos bastões coloridos muito bem pigmentados, porém a produção com o uso de corantes não foi muito satisfatória, uma vez que os bastões produzidos com canela e colorau foram insatisfatórios, não possuindo pigmento o suficiente, e bastões de cera feitos com beterraba ou uva em pó foram pouco satisfatórios pois pigmentam bem, mas as cores oxidam. Em compensação, os bastões produzidos com açafrão e páprica tiveram ótimos resultados, sendo muito bem pigmentados

Logo, conclui-se que a pesquisa alcançou um resultado satisfatório em relação à produção artesanal/manufaturada de bastões. Quanto aos resultados, a utilização de pigmentos naturais é uma possibilidade dentro da produção de materiais de arte, porém é necessário uma atenção redobrada em relação aos corantes de fácil oxidação, que assumem um tom acinzentado e muitas vezes resultam na perda de aplicabilidade do material de arte. Além disso, é interessante buscar outros formatos de corantes, além de pó, a fim de achar um que atue positivamente nos bastões de giz pastel.

Portanto, a produção de bastões é uma alternativa para a educação artística brasileira, que é muitas vezes prejudicada por falta de recursos, uma vez que, a produção em sala de aula permite uma maior compreensão sobre o material artístico, abordando sobre origem, materiais, função química de cada ingrediente, além de ser uma opção muitas vezes mais acessível em larga escala.



Referências

DUARTE, T. A falta de material para o ensino de arte nas escolas públicas. **Universidade Federal de Minas Gerais**. 2012.

HOFMANN-GATTI, T. & CASTRO, R.A. “Artes Visuais e Sustentabilidade: A dimensão ambiental na formação de professores do ensino secundário”, in **Matéria Prima**, Lisboa, v.3, p. 210-221. 2015.

HOFMANN-GATTI, T., CASTRO, R., OLIVEIRA, D. **Materiais em Artes – Manual para manufatura e prática**. FAC, Brasília, 2007.

HOLBEN, M. & Yeh, M.B. The history, use and characteristics of wax-based drawing media. **The Paper Conservator**, v.22, p. 48-55. 1998.

MAYER, Ralph. **Manual do Artista**. 5.ed. Martins Fontes. São Paulo. 2015.